

Ele ainda é referência

Mariana Branco

A referência em saúde para todo o Centro-Oeste, a esperança de socorro, o local que pode oferecer tratamento quando todos os outros não o puderem. Se por um lado, a excelência do Hospital de Base do Distrito Federal (HBDF), que subsiste apesar dos problemas, é motivo de orgulho para Brasília no dia do aniversário de 47 anos de seu primeiro, maior e mais completo hospital público, essa excelência acaba se confrontando com a precariedade do restante da rede de saúde do DF e de estados próximos, dando origem a uma lógica perversa: não encontrando atendimento nos centros regionais e municipais, milhares de pessoas procuram o HBDF, em peregrinação diária. O gigante treme ao peso de tanta demanda. Mas, ao longo de seu quase meio século de idade, vem resistindo bravamente.

São em média 1,4 mil consultas e atendimentos diários, 43 mil mensais. Só até junho deste ano, 260.984 pessoas passaram pela emergência e pelo ambulatório. O centro, criado para receber primordialmente casos de alta complexidade, acaba atendendo problemas simples que, pela fragilidade do sistema público de saúde não são resolvidos a nível local.

De acordo com o diretor do Hospital de Base, Ronaldo Sérgio Santana, a sobrecarga de pacientes é hoje o mais grave problema da instituição, aliada, claro, a questões como a infra-estrutura deteriorada pelo tempo, falta de material básico de trabalho por vezes e equipamentos antigos que constantemente dão defeito. São problemas comuns na saúde pública, aos quais não escapa o HBDF. Mesmo com todos eles, entretanto, o hospital segue sendo referência.

"O problema da estrutura física está sendo resolvido este ano. O Base está passando por uma reforma como jamais ha-

via sido feita", afirma Santana, referindo-se às reformas nos 11 andares do Bloco de Internação, no Banco de Sangue, nas caldeiras, no Bloco de Oncologia, e à troca dos elevadores.

As obras já começaram e, ao todo, custarão mais de R\$ 42 milhões ao GDF. Desde a sua construção, o Hospital de Base só sofreu remendos e nunca havia passado por uma reforma estrutural.

■ Novos equipamentos

Ronaldo Santana afirma que também há previsão de compra de novos equipamentos diagnósticos e de material cirúrgico. Ontem, pacientes protestaram porque faltava fio sintético para fazer sutura em cirurgias. A máquina de raios x também ficou quebrada por quase duas horas. No entanto, o diretor da instituição diz que já foram feitos pedidos de compra à Secretaria de Saúde, que ele acredita que serão atendidos. "O governador José Roberto Arruda tem demonstrado muita boa vontade nesse sentido", declarou.

Mas o problema maior, do excesso de demanda, é de difícil resolução. "O ideal seria que tudo funcionasse em rede, de forma hierarquizada, e que só fizéssemos os atendimentos mais complexos. Se os hospitais dos outros estados funcionassem, se as redes locais funcionassem, isso nos desafogaria e o serviço teria mais agilidade. Enquanto a cidade tinha população menor, tudo funcionava com tranquilidade. Mas ela aumentou e a rede de saúde não se adaptou com a devida rapidez", comenta.

Entre os atendimentos e especialidades que são exclusivos do Hospital de Base do DF estão cirurgia torácica, neurocirurgia, radioterapia e quimioterapia, todas as especialidades da pediatria, cirurgia de câncer, cateterismo cardíaco, entre outras. Ronaldo Sérgio Santana ressalta ainda que o HBDF tem um corpo clínico diferenciado, com vários mestres e doutores com vasta experiência.



■ NOS SEUS 47 ANOS DE EXISTÊNCIA, O HBDF PASSOU A CARREGAR NAS COSTAS A FALÊNCIA DO SISTEMA PÚBLICO DE SAÚDE EM VIGOR NO PAÍS



■ HORAS E ATÉ DIAS DE ESPERA POR ATENDIMENTO: REFORMAS PODEM AJUDAR A MELHORAR SERVIÇO

MEMÓRIA

O maior hospital do Distrito Federal começou a funcionar em 12 de setembro de 1960, cinco meses após a inauguração da nova capital federal. De início, o nome da instituição era 1º Hospital Distrital de Brasília. Naquela época, ele não tinha problemas com a superlotação, e atendia a modesta marca de 500 pacientes por ano. Um contraste com a imensa demanda de consultas, procedimentos e cirurgias à qual o hospital tem que dar vazão hoje em dia.

O atual Hospital de Base, embora muita gente não saiba, já teve um andar separado para atender pacientes que pagavam. Era uma forma de gerar fundos para a Fundação Hospitalar do Distrito Federal (FHDF). Os médicos também podiam realizar consultas particulares a partir das 17h.

O 1º Hospital Distrital só se tornou Hospital de Base em 1972, e só passou a ter a atual estrutura física a partir do final da década de 1980. De acordo com o atual diretor da instituição, Ronaldo Sérgio Santana, o HBDF costumava ter, antigamente, somente o Bloco de Internação e o Ambulatório.

Outros prédios, como o Bloco da Administração, que liga a Internação à Emergência, e o próprio Bloco de Emergência, só vieram muito tempo depois.

■ História

O Hospital de Base do Distrito Federal tem uma história que se confunde com a da capital, e, por vezes, com a do próprio Brasil. Em 1985, por exemplo, todos os olhos do País voltaram-se para ele, quando o presidente eleito Tancredo Neves apresentou o problema de saúde que o levou à morte e foi internado lá. Atualmente, um auditório da instituição leva o nome do chefe de Estado que não chegou a tomar posse. Ou seja, brasileiros possuem lembranças e episódios da vida ligados ao hospital.

Onde todos são heróis

Para o promotor Jairo Bisol, da Promotoria de Defesa da Saúde (ProSus) do Ministério Público do Distrito Federal e Territórios (MPDFT), o Hospital de Base é vítima de um modelo que ele qualifica de hospitalocêntrico.

"É um modelo de gestão da saúde pública sem respostas adequadas à atenção básica e preventiva. O HBDF, como resultado disso, pega a sobrecarga daquilo que não funciona", avalia.

Bisol diz que, nesses 47 anos de existência, o Hospital de Base tem "carregado nas costas" as deficiências da saúde pública do Distrito Federal, além das de outros estados.

"O governador Arruda pode estar com uma vontade ferrenha de reformar, como tem demonstrado, mas o problema não será resolvido enquanto não houver a regionalização dos serviços de saúde", afirma o promotor, que diz que, durante todo esse tempo, o trabalho dos funcionários do Base tem sido "heróico".

Heróis são, também, os que dependem de atendimento e tratamento na unidade. Os blocos, corredores, salas do hospital estão sempre movimentados e cheios. Seus bancos e cadeiras muitas vezes servem de cama para pacientes durante as longas horas de espera. A média de tempo no aguardo é de três, quatro horas, mas muitas pessoas perdem dias inteiros lá.

A dona de casa Rita de Cássia Cândida Maciel, 40 anos, ontem, levou a filha Nayara, 14, ao HBDF, após não conseguir atendimento para ela no Hospital Regional de Ceilândia (HRC). Nayara tinha um sangramento no olho, cujo motivo a mãe não sabia.

"Levei ela em Ceilândia e não fizeram nada, disseram só que se ela piorasse era para eu voltar, que dariam encaminhamento para o Hospital de Base. Como o sangramento não parou, resolvi vir direto para cá", conta a dona de casa, que chegou com Nayara às 11h, e às 15h ainda não tinha sido atendida. "Lá dentro está cheio de pacientes. Tem uns 40 na nossa frente", afirmou Rita.

■ Banho frio

O aposentado Roberto Carlos Rocha, 35 anos, foi levar a filha Bruna, 11, para tratar de uma simples conjuntivite. Chegou às 9h40 e só conseguiu sair, com receita e atestado, às 14h50.

Roberto Liberato Pereira, 22, foi simplesmente fazer o acompanhamento de uma cirurgia na perna. O médico que o operou e que acompanha seu caso, no entanto, estava em uma cirurgia de emergência. O rapaz, que havia chegado às 9h30, ainda esperava às 16h. "Na época da cirurgia, fiquei internado nesse bloco que agora estão reformando. A gente tomava banho frio", conta.

O HBDF em números

Atendimento

■ Média de 1,4 mil consultas e atendimentos diários e 43 mil mensais

■ 29 internações por dia, em média, e 900 ao mês

■ Média de 26 cirurgias diárias e 790 mensais

Pacientes

Os pacientes fora do Distrito Federal foram responsáveis por 13% dos atendimentos de emergência de janeiro a abril deste ano. Foram 10.059, com média mensal de 2.515. A maioria deles - 8.787, ou 87% - veio de Goiás. 690 vieram de Minas no período, e 344 da Bahia.

As internações de pacientes fora do DF também corresponderam a 28% do total no período, com total de 1.002 internações e média mensal de 251. Novamente, Goiás foi o estado que mais mandou pacientes: foram 670, 66% do total.

No ano passado, os pacientes fora do DF receberam 12,44% dos atendimentos de emergência e foram responsáveis por 26% das internações.

Estrutura física

■ 200 leitos no pronto socorro

■ 500 leitos de internação

■ 40 leitos de UTI

■ 50 mil metros quadrados de área construída, que constitui em um bloco de internação com 11 andares, um ambulatório, bloco da administração e bloco da emergência.

■ 524.402 atendimentos e consultas

■ 10.803 internações

■ 9.957 cirurgias

■ 176.881 exames radiológicos

■ 1,3 milhão de exames de patologia clínica

■ De jan a jun deste ano

■ 260.984 atendimentos e consultas

■ 5.257 internações

■ 4.637 cirurgias

■ 80.703 exames radiológicos

■ 678.997 exames de patologia clínica

Recursos Humanos

■ São cerca de 5 mil funcionários, entre terceirizados e efetivos

■ 2.187 médicos

■ 1.135 auxiliares de enfermagem

■ 201 enfermeiros

